

# ENSINO FUNDAMENTAL I: DIÁLOGOS ENTRE O ENSINO DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURA

Alessandro Sangiorgio da Silva <sup>1</sup>

Mirian Santos Silva <sup>2</sup>

Rafaela Domingos Lago <sup>3</sup>

## RESUMO

Estudos contemporâneos acerca da educação têm apontado a necessidade de uma prática menos fragmentada dos conhecimentos dentro das salas de aula. Embora haja um entendimento de que todos os Componentes Curriculares careçam disso, este trabalho buscou aprofundar as relações entre História e Arte com intuito de constatar a possibilidade de práticas interdisciplinares. Em seguida foram identificados os recursos utilizados pelos educadores para lecionar. Verificou-se se os docentes estão praticando a interdisciplinaridade em sala e de que forma o fazem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com intuito de aprofundar o tema a partir de documentos educacionais e publicações acadêmicas e, na segunda parte, pretendeu-se realizar entrevistas em escolas em busca de coletar dados e analisá-los qualitativamente.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade, Arte, História, Cultura, Ensino Fundamental.

## 1. INTRODUÇÃO

A educação no Brasil teve início com a chegada dos Jesuítas. Desde então, pensou-se nela como mecanismo de manutenção de fiéis e para instruir sobre as práticas comportamentais. Dessa forma, consoante a Lucena, Lopes (2021, p.189) a educação surgiu “vinculada à didática, à fundamentação da aprendizagem dos diversos saberes e à disciplina comportamental”. Esse modelo educacional firmado sobre tal aspecto disciplinarizado ficou definido pelo termo *Ratio Studiorum*.

Séculos se passaram e até há algumas décadas, de acordo com Ribeiro e Pinho (2018, p. 264), as ciências foram pensadas de forma separada, buscando um aprofundamento de uma área de conhecimento. Isolava-se o objeto ou conteúdo de estudo dos demais campos do saber, como resposta à demanda do mercado profissional, que permeia o século XIX. “No século XX, com o desenvolvimento da pesquisa científica, o saber foi se especializando cada vez mais, como resposta à necessidade do sistema capitalista, dando lugar ao que conhecemos hoje por disciplina como sinônimo de ciência” (RIBEIRO; PINHO, 2018, p. 264).

Atualmente, tem se proposto algumas soluções para superar tal fragmentação. Uma delas é a Interdisciplinaridade. Vega (et al, 2020) informa que a interdisciplinaridade surge da necessidade de superar as dificuldades que as instituições tinham de reconhecer questões cotidianas como objetos de pesquisas e estudos. Elas supervalorizam a especialização excessiva. Nos dias atuais, com fenômenos sociais e culturais cada vez mais complexos, o público educacional fica impossibilitado de entendê-los de forma coerente com sua dimensão dentro de um entendimento fragmentado. De qualquer forma, não há uma única definição do que seria a interdisciplinaridade, porém uma delas é que seu sentido geral pode ser definido como a necessidade de interligação entre as diferentes áreas do conhecimento, conforme afirmam Japiassu (1975), Fazenda (2002, 2003) e Lück (1994). Além disso, cabe entender que quando se opta por aderir a interdisciplinaridade escolhe-se um percurso de inovação constante.

Dessa forma, investigou-se as correlações entre História, Arte e cultura pensando em uma prática interdisciplinar em busca de promover uma educação integral, que faça sentido e que supere as práticas tradicionais que separam radicalmente esses dois componentes curriculares tão vitais na educação Básica e sua correlação com a cultura.

A escolha parte de algumas percepções que os pesquisadores tiveram ao longo do curso de pedagogia, com a descoberta do fazer artístico, da historicidade e da cultura, já que em visitas a monumentos históricos, exposições artísticas e culturais perceberam as correlações entre elas e como tal integração se conecta com a vida, o cotidiano e a história deles e da cidade onde moram, Vila Velha-ES. Tudo isso proporcionou que o sentido de tais áreas de estudo para eles fossem ampliados, percebendo-se participantes e pertencentes a elas.

### **1.1.INTERDISCIPLINARIDADE COMO APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Como uma maneira de superar e reintegrar os saberes e experiências separadas pela prática disciplinar, surge a Interdisciplinaridade com o objetivo de recompor e incorporar os hábitos escolares, permitindo a relação e conexão entre as diversas áreas de conhecimento, rompendo com os limites impostos pela disciplinaridade.

Lucena e Lopes (2021, p. 186) afirmam que para o docente:

Ensinar de forma interdisciplinar será a maneira de desenvolver melhor seu trabalho, interligando conhecimentos de diversas áreas para favorecer o processo de ensino e aprendizagem; no âmbito social, esse assunto é importante porque os saberes e conhecimentos construídos no âmbito escolar poderão ser utilizados de forma integral por estudantes e professores, enquanto cidadãos atuantes da sociedade, para agirem de modo consciente, crítico e transformador da realidade a qual pertencem.

Em harmonia com Lima e Azevedo (2020, p. 129), a interdisciplinaridade é um esforço conjunto que abarca educandos, educadores, gestores, comunidade escolar bem como pessoas, conceitos, informações e metodologias.

Destaca-se que não há intenção de criar uma disciplina ou saber, mas lançar diversos olhares sobre um mesmo problema ou temática em busca de uma solução. Para tanto, é necessário um eixo condutor que pode ser um projeto de investigação, plano de intervenção ou objeto de conhecimento.

Em concordância com Japiassu (1994, n.p.) a interdisciplinaridade pressupõe interação das disciplinas, e vai além considerando que ideias, conceitos, epistemologias, metodologias, procedimentos e organização da pesquisa também devem se interpretar. “É imprescindível a complementação dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas disciplinas”.

Fazenda (2011, p. 81), analisa que uma abordagem única do conhecimento pode proporcionar uma visão deturpada da realidade, e que ao viver, o ser humano lida com uma realidade multifacetada. Assim, a prática interdisciplinar tem grande relevância, pois pode contribuir para gerar um ambiente rico em saberes, buscando a formação do indivíduo de maneira integral, conectada com a realidade vivenciada pelos educandos.

Apesar disso, o Brasil é um país com dimensões continentais, com cultura, contextos sociais e econômicos diversos. Ora, pode-se inferir que qualquer tentativa de padronizar uma forma de se fazer educação passará por muitos obstáculos dada tal condição. Então, a pretensão não é criar um paradigma ou padrão educacional ou mesmo militar a favor dele, mas trazer à luz uma possibilidade de aula diferenciada e que possa contribuir para que o processo de ensino-aprendizagem seja mais prazeroso, significativo para os envolvidos. Nesse caso, quando a referência são os envolvidos no processo educacional, não

significa apenas um grupo, mas de vários, sendo: educandos, famílias, comunidades, educadores, gestores etc.

O Currículo Educacional do Espírito Santo (2020, p.25) elucida a concepção de educação voltada para o desenvolvimento de competências, domínio do conhecimento, de habilidades e atitudes necessárias para atuar, viver e intervir no mundo e a busca por uma prática pedagógica na qual os indivíduos possam superar uma visão mecanicista, justaposta e fragmentada evitando uma “atuação compartimentada, repetitiva, superficial e externa”, do educando.

Destacam-se, especialmente, metodologias que permitam a integração ou aproximação dos conhecimentos de diferentes áreas e componentes, favorecendo seus pontos de contato de modo significativo e promovendo experiências de aprendizagem que tenham como propósito o desenvolvimento integral dos estudantes (ESPÍRITO SANTO, 2020, p. 47).

Vale ressaltar que na busca por uma aprendizagem significativa do aluno é necessário considerar ainda suas vivências, aquilo que os afetam, suas experiências, sua autonomia, seu ambiente, obtendo um melhor engajamento quando estudam e/ou exploram algo que tenha valor cultural e/ou histórico em suas vidas. De acordo com Gomes (2010, p. 40 apud GIONGO, 2022, p. 10), a escola é um lugar onde os “novos membros da sociedade, começam a alargar a sua experiência do social para além do seu grupo de origem”, ambiente onde se produz uma gama de interações favorecendo para a produção da realidade escolar e não escolar. Sendo dessa maneira necessário um ambiente rico em estímulos e reformulações para o atendimento de suas necessidades sociais e políticas.

Para a teoria freiriana, o discente só estará engajado em seu processo de ensino-aprendizagem, a partir da libertação de sua consciência, com o ganho de sua autonomia, com ações culturais envolvidas em seu cotidiano, com as relações sociais, entre outros. Evidenciando o comprometimento com a realidade vivenciada pelos alunos, pois de nada adianta um conhecimento sobre o qual não se tem convívio. O engajamento não é definido na teoria apenas como envolvimento, mas como conscientização política/humana, como entendimento de sua realidade. Freire (1987, p. 68) afirma que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Nesse sentido, entende-se que o educando aprende e engaja mais em sua aprendizagem quando ela faz sentido. Levando em consideração o que foi descrito nesse tópico, podemos entender que ao sair das salas de aula para estudar História a partir da exploração daquilo que compõe a cidade, que possui relação com sua comunidade, cotidiano, pode-se potencializar sua aprendizagem.

Ora, enquanto isso, ao perceber a cidade, suas manifestações artísticas e culturais, sua composição com suas esculturas, música, apresentações teatrais, danças típicas, artes visuais em geral, o aluno se percebe dentro do processo de ensino aprendizagem, ativo em tal exploração, o que contribui para articular os saberes que já possui com conhecimentos de ambos os componentes curriculares, podendo também promover sentimento de pertencimento local.

Quanto à cultura, pode-se entender que são os sentidos e valores que cultivados entre determinados grupos e classes sociais permeados por relações e condições históricas, utilizando-as para lidar com contradições existenciais e suas atitudes frente a elas. E ainda, tradições e práticas vividas com intuito de expressar e incorporar tais entendimentos (HALL, STUART, 2013, p. 142).

## **1.2. ENSINO DE ARTE NA ESCOLA**

A Arte, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 139), é uma linguagem utilizada para expressar algo, e como construção que permeia a existência humana, e até uma das primeiras formas pelas quais os seres humanos se comunicavam, traz consigo significados históricos, retratam emoções, vivências políticas, históricas, sociais que ajudam a compreender contexto, cultura e acontecimentos em dado tempo e espaço. Além disso, permitem contato com “valores, crenças, desejos, e conflitos” diversos.

Contudo, existem outras definições para a Arte, as quais merecem atenção, principalmente a luz do que se propõe neste estudo. Haubert (2021, p.104) informa que havia duas fortes correntes vigorando e disputando espaço nos Estados Unidos da América quando Dewey escreve sua obra *Arte Como Experiência*. Entre o formalismo e o expressionismo, buscou dar uma nova perspectiva ilustrando que ela está intimamente ligada com a vida e com o cotidiano.

Logo, Dewey se distancia da ideia formalista da Arte que a percebe apenas no sentido estético, afastando-a de questões morais, pedagógicas ou funcionais, e o Expressionismo que entende que ela seria apenas a manifestação do gênio de um artista, fundamentalmente, a expressão de sentimentos.

Em concordância, De Brito Lopes (2020, p. 70) afirma que o ensino de Arte tem por objetivo desenvolver o saber artístico, cultural, estético, o senso crítico do mundo pela perspectiva da Arte, favorecendo o fazer artístico. Quanto a isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), proporciona um campo bem amplo a ser explorado pelos atores educacionais em busca de aulas mais ricas, o que não limita o educador e ainda pode-se inferir o fator regional que, normalmente, é previsto no currículo educacional do Estado do Espírito Santo ou mesmo na liberdade que as instituições gozam nessa questão. Outra necessidade do fazer pedagógico citado por De Brito Lopes (2020, p. 70) "Não somente fazer arte, mas pensar sobre arte e suas reverberações no mundo".

Ora, pressupõe-se que o fazer pedagógico, a partir de tal perspectiva ganha sentido, uma vez que incorpora o cotidiano do educando. Além disso, ele pode experimentar aquilo que aprende ou aprender aquilo que vivencia. A questão é que tem oportunidade de acessar a teoria e a prática, dentro de uma reflexão, suas implicações com a realidade de cada um. Bondía (2002, p.21) diz que a "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca."

O Currículo do Espírito Santo (2018, p. 26 – 29), também é composto pela Matriz dos Saberes. Um de seus pressupostos é contribuir para formar cidadãos que compunham uma sociedade democrática, inclusiva e sustentável. Um dos pontos da matriz é despertar a valorização e a curiosidade pelas manifestações artísticas, ocasionando a vontade de "conhecer coisas novas, apreciar e dar valor às manifestações artísticas e culturais do seu e de outros grupos sociais". Esses são alguns elementos importantes ao interesse por aprender".

Dessa forma, não basta ter a experiência com a arte, mas o envolvimento, o educando se identifica com ela, cria conexão. Tal condição pode contribuir para melhorar o engajamento do aluno na aula. De Brito Lopes (2020, p. 12) ainda

complementa dizendo que “não se pode significar as novas aprendizagens sem considerar as experiências vividas.”

Portanto, a partir do que foi pesquisado constata-se que a Arte não é apenas estética ou emoção, mas um todo que pode ser experienciado e que possui enlace com o cotidiano, com a história e a cultura das pessoas. É, talvez, uma forma de expressar pela qual a humanidade pode não somente comunicar, mas envolver e alcançar toda a intensidade daquilo que se deseja comunicar, e às vezes, dizendo com tais manifestações aquilo que não se conseguiu dizer por meio de outras formas de expressão.

### **1.3. ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA**

Quanto ao Ensino de História, a BNCC propõe a ampliação da ideia de convivência iniciada na Educação Infantil e a construção do sujeito. “O Eu, O Outro e o Nós”<sup>1</sup>, é ampliado nos anos iniciais do fundamental I, para que os sujeitos possam perceber seu lugar na “família, na escola e no espaço em que vivem”, entendendo que cada indivíduo compreende o mundo de uma forma particular (BRASIL, 2017, p. 403). De forma geral, tal intencionalidade se aplica a todas as turmas dos anos iniciais, com o principal objetivo de expandir o campo de experiência citado, sem, contudo, resumir a apenas esse objetivo. Ela ressalta ainda a importância das linguagens na construção da história, pois é através dela que os “seres humanos se comunicam, entram em conflito e negociam” (BRASIL, 2017, p. 403).

Para o 3º e 4º ano, propõe-se trabalhar a “noção de lugar em que se vive e as dinâmicas em torno da cidade” bem como o estudo de povos que existiam há séculos. Para o 5º ano, dá-se maior ênfase em pensar “a diversidade dos povos e culturas e suas formas de organização” além de princípios de cidadania propondo reconhecimento de variadas sociedades estimulando o convívio e o respeito entre eles (BRASIL, 2017, p. 404).

Há uma ampliação de escala e de percepção, mas o que se busca, de início, é o conhecimento de si, das referências imediatas do círculo pessoal, da noção de comunidade e da vida em sociedade. Em seguida, por meio da relação diferenciada entre sujeitos e objetos, é possível separar o “Eu” do “Outro”. Esse é o ponto de partida.

---

<sup>1</sup> Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

De acordo com o que foi exposto até aqui sobre o ensino de História, compreender a si como diferente de outro, perceber-se parte de um grupo, de uma comunidade, de uma sociedade são princípios primordiais. Mas, não para por aí, uma vez que ter a noção de lugar em que se vive e as mudanças em torno da cidade, diversidades de povos e culturas, bem como uma convivência pacífica, harmoniosa e respeitosa também estão incluídos em tais objetivos. Para tanto, pode-se extrapolar as ferramentas tecnológicas e a sala de aula, explorando aquilo que o espaço oferece e que remetem a tais nuances. Pretende-se sugerir o uso, por exemplo, de museus, teatros, apresentações artístico-culturais, artes visuais que retratam tais perspectivas, dentre outras.

Ademais, a BNCC (2020, p. 398) também preconiza a necessidade de se utilizar diversas fontes e documentos sejam eles escritos, iconográficos, materiais e imateriais. E ainda:

Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história.

A partir da citação, pode-se constatar que em contato com tais registros históricos, alcança proximidade de algo concreto que carrega consigo fatos e características presentes no percurso histórico da humanidade. Vale observar que muitos desses objetos estão presentes em diversos locais de visitação, sendo que alguns locais aqui na Região Metropolitana de Vitória - ES, por exemplo o Centro Histórico, compõem parte desse acervo. Esculturas, pinturas, construções históricas, igrejas (arquitetura), dentre outros, são diversas produções artísticas que contribuem com o Estudo de História nas escolas. Sabe-se que o Brasil é rico em tais acervos, e urdi uma desesperada necessidade de valorização e conservação de tais empreendimentos.

A educação no Brasil vem sofrendo transformações no decorrer dos anos e alguns teóricos contribuíram muito para isso. De acordo com Xavier (2021, p. 38), Paulo Freire, se posicionou pedagogicamente contrário àquilo que chamou de “Educação Bancária”. Ou seja, uma imposição autoritária e opressiva ao educando no sentido de que em tal forma de educar, o professor detentor do conhecimento, deposita seu



saber no aluno, que segue passivo em seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

[...] infelizmente, trata-se de um modelo de educador que é encontrado em várias regiões e instituições de ensino do país, nas quais os discentes não têm o direito de questionar, de discutir, de apresentar suas críticas e sugestões. Nesse modelo de educação, o educando tem tão somente o dever e a obrigação de receber a educação, a qual lhe é entregue depósitos (XAVIER, 2021, p. 38)).

Pensando em formas de trabalhar a historicidade na educação básica (Anos Iniciais do Fundamental) essa pode ser uma questão primordial. Assim como em outros componentes curriculares, é necessário quebrar a ideia de transmissão de conhecimento ou informação. Seffner (2018, p. 39) informa que o caráter da prática nas aulas de história necessita ter sentido operando conceitos e nomeações. Porém, Seffner (2018, p. 39) da “ênfase no caráter transmissivo (“dar a matéria”) e cumulativo (“dar toda a matéria”) não ajuda em nossos propósitos.” O autor destaca ainda que é melhor permanecer mais tempo ministrando um mesmo assunto de história trabalhando informações históricas, colocando questões de pesquisa, “trabalhando com materiais diferenciados (imagens, textos, músicas, filmes).” (SEFFNER, 2018, p. 39). Outro fator importante destacado pelo autor é a necessidade de o conhecimento tratado em aula ter nexos com questões contemporâneas do aluno.

O Currículo do Espírito Santo (2020, p. 47) diz de uma educação que seja para além de “passar conteúdo”, mas um tempo no qual o indivíduo tenha “às vivências necessárias para que os estudantes consigam estabelecer pontes, ter dúvidas, expor seus pontos de vista, fazer e refazer, relacionar-se com o outro aprendiz, acessar o conhecimento por meio de diferentes vias”.

Outrossim, destaca que o Ensino de História está “intrinsecamente em diálogo com habilidades de outras áreas de conhecimento” (ESPÍRITO SANTO, 2020, p.66), “tais como Linguagens, Matemática, Arte, Ensino Religioso, Educação Física e Ciências da Natureza” (ESPÍRITO SANTO, 2019, p.49), colocando uma íntima relação com a Geografia no sentido de investigar a complexidade da sociedade atenta ao “cotidiano, formação das identidades, alteridade, memória individual e coletiva” (ESPÍRITO SANTO, 2020, p. 65). Trazendo consigo, porém, a preocupação com a desconstrução de estereótipos. Por fim, ainda elucida a ideia

de Círculos Concêntricos ao informar que o “ângulo escolhido possibilita a proximidade entre campos temáticos e cotidiano: a comunidade, o município, o Espírito Santo, o Brasil e o mundo” (ESPÍRITO SANTO, 2020, p. 65-66).

Ora, Kuhn (Et. Al, 2019, p. 473) clarificam que uma forma contemporânea de construirmos conhecimentos sociais (História e Geografia) é através de Círculos Concêntricos. Tal pressuposto epistemológico denota a ideia de partir do educando, ou seja, o educando entende a história a partir de si, depois de seus grupos mais próximos que pode ser a família e o bairro e progressivamente vai ampliando até chegar na história mundial. Essa ideia corrobora com o que foi dito acima, sobre como a BNCC entende que deve ser o ensino de história, ecoando ainda, no Currículo Educacional do Espírito Santo. Em outras palavras, a história pode ser trabalhada em sala a partir de elementos mais próximos e simples para os mais distantes e abstratos.

Após as diversas explanações sobre a importância da interdisciplinaridade, o que diz os documentos oficiais sobre ela, sobre o ensino de História e Arte, e identificadas o uso de ambas no fazer pedagógico em busca de aulas que tenham maior entrelace entre teoria e prática, abstração e concretude, bem como objetos e problemas de estudos tratados a partir de ambas as áreas, indagou-se, como os professores estabelecem diálogos interdisciplinares no ensino de História, Arte e Cultura para alunos do fundamental anos iniciais.

Para compreender estes diálogos, é importante considerar que o curso de pedagogia também busca construir educadores que possam ministrar aulas para Educação Infantil e Fundamental I. Deste modo, a escolha de tal recorte se dá por dois motivos. O primeiro, deriva do desejo dos autores de trabalhar com educandos desse segmento no que se refere a lecionar. De qualquer forma, os educadores da Educação Infantil utilizam os campos de experiência como direcionadores das aprendizagens conforme a BNCC. O segundo, se deve ao fato de que há uma maior possibilidade de promover a interdisciplinaridade no segmento uma vez que o mesmo educador leciona todos os componentes curriculares.

Com relação à relevância científica deste tratado, encontrou-se vários estudos sobre o peso das Artes Plásticas e Cinematográficas para o desenvolvimento das disciplinas de História e Artes, porém excluindo as demais como parte importante

para aprofundamento de ambas as áreas de conhecimento. Essa pesquisa irá contribuir para ampliar o conhecimento acerca das Belas Artes/ 7 Artes, como Arquitetura, Escultura, Pintura, Música, Poesia, Dança e Cinema, de forma a identificar como a inserção das mesmas no Ensino Fundamental Anos Iniciais, na região de Vila Velha-ES é benéfica.

O estudo contribuirá para a Pedagogia, de modo a identificar como os educadores estão lidando com a reconexão das disciplinas fragmentadas, como eles estão abordando a interdisciplinaridade, de modo a ofertar um aprendizado rico e estimulante para os educandos.

A sociedade é contemplada juntamente pois a realização dessa pesquisa irá além de identificar se a educação interdisciplinar acontece ou não na comunidade pesquisada, também poderá ser uma forma de conscientizar os professores sobre a importância desse método de ensino e a produção de uma aprendizagem significativa dos alunos, de maneira a formar cidadãos críticos conscientes da realidade vivenciada em sua comunidade, seja na cidade de Vila Velha - ES ou para todo o Brasil.

Assim, investigar como os educadores do ensino fundamental anos iniciais estabelecem diálogos interdisciplinares no ensino de História e Arte torna-se um objetivo relevante para esse estudo. Para isso, é necessário identificar os recursos que os educadores fazem uso para lecionar essas “disciplinas”, descobrir se eles estão executando/implementando a interdisciplinaridade em sala e perceber como eles fazem uso do método interdisciplinar.

Fazendo isso, pode-se compreender que as aulas interdisciplinares de História e Arte produzem uma aprendizagem significativa, entendendo que o contexto histórico na Arte, contribui para sua apreensão para além da estética artística, assim como a obra de arte auxilia na compreensão da História no cotidiano.

## **2. METODOLOGIA**

Este artigo utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica de caráter exploratório por meio de artigos preferencialmente de universidades federais escritos como requisito para títulos de mestrado e doutorado, revistas e livros, além da análise de documentos educacionais tais como a Base Nacional Comum Curricular e o

Currículo Básico Escolar Estadual. Além disso, foi efetuada uma pesquisa de campo na qual foram abordados cinco educadores do ensino fundamental I. As entrevistas foram realizadas com perguntas pré-estabelecidas com intuito de direcionar o diálogo, sem, no entanto, se prender a elas. Posteriormente, foram transcritas e analisadas as entrevistas de forma qualitativa, ou seja, baseada na percepção dos autores sobre o discurso dos docentes e fundamentados pelo aporte bibliográfico discutido neste trabalho.

### **3. RESULTADOS**

Com intuito de investigar sobre o tema proposto, foi elaborado um questionário a fim de direcionar o entrevistador para que o mesmo pudesse, por meio de uma pesquisa com fins qualitativos, apurar como professores estabelecem diálogos interdisciplinares no ensino de História, Arte e Cultura para alunos do fundamental anos iniciais. Para isso, as perguntas buscaram identificar se os docentes compreendem o que é interdisciplinaridade, quais recursos utilizam, quais os desafios e dificuldades, se percebem como ela contribui para uma educação integral para que o aluno perceba a realidade de uma forma mais próxima possível, se eles utilizam e/ou fazem o uso de práticas pedagógicas interdisciplinares, dentre outras.

Quando inquiridos sobre o que é interdisciplinaridade e qual a sua importância na visão dos educadores, obtivemos algumas respostas interessantes:

Maria<sup>2</sup> responde que a interdisciplinaridade é essencial. Ela conta uma experiência prática na qual utilizou um objeto de estudo no caso da dengue, e a partir desse assunto, trabalhou diversos componentes curriculares. Antônio também destaca a importância da interdisciplinaridade dentro do projeto educacional e como podemos “ampliar o olhar da clientela, né, no caso os alunos, sobre que, o sistema educacional, ele é complexo e ele conversa entre si”.

Camila também concorda com a importância e dá exemplos de sua prática para ilustrar. Ela destaca o quão importante é que se utilize as imagens para ampliar o entendimento do educando, saindo apenas do campo da cognição, envolvendo o

---

<sup>2</sup> Os nomes dados aqui aos respondentes da pesquisa são nomes fictícios a fim de preservar a identidade deles.

sentido da visão e da interpretação das imagens para o aprendizado mais significativo. Ela se utiliza do relato de uma prática sua em sala. Disse que para falar do descobrimento do Brasil, pode-se começar falando do Convento da Penha. Tal ideia vai ao encontro do que é destacado por Circe Bittencourt (2008) como um dos métodos utilizados no ensino de História, que são os círculos concêntricos. Ou seja, inicia-se o estudo do presente para o passado, daquilo que está próximo para aquilo que está distante, valoriza o Convento não apenas como um monumento religioso, mas como monumento artístico, histórico com representatividade na história do Brasil.

Descobrimiento do Brasil, vou falar como o Brasil foi descoberto. “Quando eu falo, eu vou pegar o quê? Eu vou pegar uma imagem, eu quero falar para os alunos do convento da Penha, né? Quando chegaram aqui? Os dias para construir como monumento... Convento da Penha e o quê? Ele não é só história, ele é uma arte, né? Ele tudo é uma, é uma arte, então está totalmente relacionado. E aí você vai pegar e vai falar da cultura desse povo que eles trouxeram, como é que era o jeito de se vestir com os índios que eles estavam aqui, esse povo que veio de fora, né? Os negros quando chegaram.

Carla não expressa com palavras se considera ou não a interdisciplinaridade importante, tampouco definiu o que é para ela. No entanto, é relevante dizer que a professora enfatiza o uso da Arte, nesse caso, a plástica, como recurso para se trabalhar com crianças que ainda não possuem uma cognição mais madura. Por fim, ao que tudo indica, Carla, pode não ter compreendido a pergunta, pois confunde a definição de interdisciplinaridade com um possível julgamento de uma prática interdisciplinar, ou seja, definir quais práticas seriam ou não interdisciplinares.

Com a sequência da entrevista, foi questionado se os docentes consideram haver a possibilidade de uma prática interdisciplinar entre História e Arte. Na pergunta anterior, pelas respostas, percebe-se que todos enxergam e praticam a interdisciplinaridade pelos exemplos dados de práticas envolvendo História, Arte e até mesmo outros componentes curriculares.

Maria disse que a Arte não sobreviveria sem a História, da mesma forma destacando que o professor de História se vale da Arte, pois precisa abordar por meio do cinema, literatura, música, dança, artes plásticas, dentre outros, as vivências históricas da humanidade. Demonstrando a compreensão de que a cultura perpassa os fazeres artísticos.

Valdionor relata que o ensino de História dialoga com vários componentes curriculares, inclusive Arte, evitando caracterizá-la como um componente curricular isolado, mas sim como “manifestação dos trabalhos humanos que são relatados pelos historiadores.”

Antônio afirma que dentro da História a Arte é um movimento libertador, e que ela foi utilizada em um momento histórico de muito analfabetismo como uma linguagem compreendida e que na atualidade a Arte é muito futilizada e vê na interdisciplinaridade de ambas uma forma de valorizá-la.

Camila concorda também com essa possibilidade e destaca que há uma maior facilidade em entender a História a partir de imagens. “Quando se fala de história quanto tem uma representatividade com um desenho, fica muito mais fácil para criança que está compreendendo e nós mesmo.” e fala sobre a existência de uma História por trás da obra: “Quando você apresenta uma obra com uma criança, nem só para a criança, quando uma obra é apresentada, né? É exposição, seja... não é simplesmente um desenho, ele tem uma história por trás.”

Carla, assim como os demais, concorda que há possibilidade de interdisciplinaridade entre ambas e destaca que a história até hoje inspira seus alunos a criarem artes plásticas:

O que que se passa na cabeça deles? Então, é muito interessante você perceber que eles conseguem, através dos desenhos, contar a história, porque cada um faz um momento diferente. Cada um desenha um momento diferente, então assim, aí você já vê a interdisciplinaridade.

Na sequência duas perguntas foram feitas aos educadores. A primeira foi se eles consideravam que trabalhar de forma interdisciplinar favorece o desenvolvimento integral <sup>3</sup>do educando e se ela contribuiria para desenvolver a criatividade, criticidade, pensamento reflexivo o que contribui para formação de cidadãos conscientes e participativos na sociedade.

Maria concorda sobre a importância da interdisciplinaridade na formação integral do educando, trabalhando o raciocínio que aguça a criatividade. De acordo com ela contribui para aprofundar o estudo do tema.

---

<sup>3</sup> Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva.

Antônio também responde positivamente a ambas as questões, e destaca que por meio de projetos possibilitados pelas eletivas, ele conseguia trabalhar com diversas linguagens artísticas. Para ele, isso provoca no aluno autonomia, rompendo com a timidez o que o desperta para “outras coisas” transformando-o.

Camila, também concorda com os demais e destaca que ao trabalhar História, não basta passar conteúdo.

Então acaba sendo assim. Eh, eu vou trabalhar a história, então eu vou falar só de história, então eu vou simplesmente passar um texto lá. Né? Não vai ser nenhuma imagem. Não vou falar de cultura porque que cultura que quem estava relacionado a cultura, aquele texto de história a você simplesmente falar história que que aconteceu faz parte da história que aconteceu em tal ano. Né? E foi importante por tal motivo. Espera aí, então se torna uma atividade assim muito, muito... eh, muito vaga, muito sem sentido para criança. Agora, quando se faz essa relação, está mostrando a imagem, tem possibilidade levar pra aula de campo e estar mostrando tudo o que tem em volta disso, todas as contribuições, o tanto de pessoas que estão envolvido, de lugares que estão envolvidos em quando a gente fala história, não tem como falar só da história

Carla também concorda com os demais.

A pergunta que foi realizada na sequência buscou identificar os desafios enfrentados pelos educadores e quais as ações para mitigá-las ou mesmo eliminá-las.

De acordo com Maria o maior desafio é planejar aulas que possam ter abrangência interdisciplinar. Evidencia-se aqui que o educador regente, por si só, já necessita ser interdisciplinar posto que, ainda hoje, na maioria dos casos, ainda leciona diversos componentes curriculares a saber: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia. Ela destaca ainda que é necessário ao educador ter firmeza no que ensina e o caráter de estudioso e pesquisador necessário ao docente.

Então, o professor assim também tem que planejar a aula dele, ele tem que convencer, ele tem que ter conhecimento, ele tem que estudar, né? Nem toda a gente vê na faculdade pra gente tem que buscar através da leitura da pesquisa, você chegar lá na frente e mostrar o conhecimento para que o aluno sinta segurança em fazer e fica mais interessante a aula.

Antônio, Camila e Carla apontam que os desafios estão relacionados a materiais, infraestrutura e recursos oferecidos por escolas públicas. E informaram que uma das formas de lidar com esses desafios é se reinventando, adaptando os materiais

e até mesmo reciclando, conforme retrata Carla, “muitos dos recursos que a gente usa às vezes é sucata, coisa velha”.

Questionou-se ainda sobre as estratégias utilizadas pelos educadores para conseguir despertar no educando e na turma o engajamento e o aprendizado por meio de aulas interdisciplinares.

Maria relata que gosta de utilizar um objeto de estudo ou problema. Depois, utiliza um meio que pode ser um texto, por exemplo, para analisar o que é trazido pelo texto aplicando em todos os componentes curriculares.

Oh, você lança o conteúdo, por exemplo, na disciplina ciência. Depois eu posso utilizar, gente, oh, agora a gente vai ver Português no mesmo assunto, lembra dessa do texto que eu trouxe sobre a dengue? Então, agora nós vamos fazer uma poesia sobre a dengue, uma paródia, vamos associar os conteúdos. Depois você vai trabalhar matemática, você pode dizer, olha, é, vou dar os problemas aproveitando o tema, né? Na cidade tal, é, tantas pessoas contraíram dengue, tantos? Tantas ficaram curadas, tantas vieram a óbito, né? Então tá pra você, eh, ter esse diálogo com o aluno, através do diálogo, essa conversa.

Antônio diz que é desafiador trabalhar com Arte na escola, que os educandos são resistentes às artes plásticas. Mas que tenta adotar vídeos de pequenos documentários e leituras de telas explorando concepções, questionando a intenção ou o que se passou na mente do artista ao pintar aquela tela e na História leva o educando a se encontrar com um ser social no tempo.

Camila, utiliza o próprio princípio da interdisciplinaridade, ou seja, ela traz uma aula explicando que não é possível abordar somente História durante a aula e crítica às aulas que são apenas textos passados no quadro. Para ela, é necessário abordar imagens, falar da cultura, destacar a importância daquele fato histórico, aulas de campo, abordar todos que contribuíram para que o fato ocorresse, lugares, dentre outros.

Quanto aos objetivos pedagógicos que esperam atingir ao integrar as disciplinas de História e Arte.

Maria relata que o objetivo é formar cidadãos pesquisadores e críticos, levando o aluno a aprender a pesquisar, aprender a fazer, pois “é a peça-chave do professor. Que o professor tenha como objetivo principal a aprendizagem do aluno, aprender



a fazer, aprender pesquisar”. Antônio também aborda a ideia do cidadão crítico, despertando no educando o ser como um ser social, criativo e produtor de cultura.

Camila retrata que o objetivo que espera atingir é o conhecimento de mundo de seus alunos, ampliado sob várias perspectivas, não apenas por um olhar.

Por fim, nota-se que os educadores entrevistados mostram um certo domínio no entendimento do que é interdisciplinaridade, embora seja possível ampliar e envolver mais atores educacionais, tentam superar dificuldades das quais eles não possuem domínio como a falta de recursos, entendem os benefícios dessa prática e de alguma forma, estão buscando desenvolver os diálogos interdisciplinares entre os variados componentes curriculares.

Pensando em tornar as aulas de História mais concretas, aproximar abstração da realidade, em conexão com o cotidiano, pode-se utilizar no Estado do Espírito Santo, por exemplo, manifestações artísticas visto que há uma riqueza de tais produções e que se conectam a história do povo, do Estado, da Nação e do Mundo. Dessa forma, pensando em tudo que foi dissertado até aqui acerca do ensino de História e Arte, entendendo os princípios determinados pela BNCC, o Currículo Estadual e a ideia de círculos concêntricos, pretende-se explorar e citar, de forma mais sucinta possível, alguns exemplos presentes na região da grande Vitória que possibilitam tais ideias.

Com relação às unidades temáticas da BNCC para ensino de Artes nos anos iniciais, a dança é representada pelo patrimônio cultural espírito-santense que é o Congo, o qual pode ser trabalhado como dança e música. Herança cultural capixaba, expressada na linguagem artística e trazida por povos escravizados, tais manifestações se misturaram às práticas cristãs coloniais ganhando notoriedade e continuidade até os dias atuais. De um lado, podem ser utilizadas em aulas trazendo seu contexto e importância histórica, por outro, ao entender tal dança em um contexto histórico, existe uma contribuição para que ela ganhe sentido e possa ser apreciada não apenas como manifestação artística, mas cultural e histórica, a qual traz consigo cotidiano, emoções, expressões e identidade de um povo. Para além do Congo, que é um destaque, existem no interior do Estado outras danças típicas trazidas por imigrantes e que se entrelaçam com a história e a cultura do Espírito Santo.

Nas artes visuais, destacam-se esculturas como a de Dona Domingas e a do Chico Preggo. Obras como estas, que retratam pessoas afro-brasileiras escravizadas, são raras em todo o mundo. A primeira, encontra-se nas escadarias do Palácio do governador em Vitória-ES, uma senhora que foi neta de escravos e passou parte de sua vida catando papelão e participando de rituais religiosos tornando-se uma figura bem conhecida na região. O outro, situado na Praça Almirante Tamandaré em Serra-ES, símbolo de resistência, participou de uma insurgência escrava, uma das maiores ocorridas no Espírito Santo. O motivo é que um Frei prometeu liberdade aos escravos do local caso construíssem a Igreja de São José Do Queimado. Tal promessa não foi cumprida sendo o estopim da revolta de 300 homens e mulheres envolvidos na construção e na promessa. Além delas, a cidade é repleta de muitas outras obras de artistas plásticos.

Um dos destaques, o centro histórico de Vitória-ES é repleto de construções antigas com arquiteturas que remetem a séculos passados. Algumas se destacam não só por sua arquitetura, mas também por sua composição. O Palácio Anchieta é repleto de obras artísticas carregadas de sentidos e estética. Além dele, tem a Escadaria Maria Ortiz, Viaduto Caramuru, São Diogo, Praça Oito de Setembro, Praça Costa Pereira, Forte São João, Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música FAFI, Catedral Metropolitana dentre muitas outras opções.

Para a educação capixaba, existem prerrogativas no currículo que chegam a considerar que as aprendizagens são mais produtivas quando construídas em espaços históricos e culturais. Nestes espaços, normalmente há uma imensa quantidade de produções artísticas.

Do mesmo modo, é possível promover mais e melhores aprendizagens fora da escola, em museus, praças, centros culturais, cinema, concertos, espaços políticos, bibliotecas, observatórios, reservas ambientais, festas locais, monumentos históricos, órgãos públicos, empresas, entre outros, estimulando o acesso ao conhecimento científico, cultural, ambiental, político, do trabalho e social.” (CURRÍCULO DO ESPÍRITO SANTO, 2020, p. 47)

No Espírito Santo, existem ao menos 12 patrimônios culturais materiais e 4 patrimônios culturais imateriais reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Na Região da Grande Vitória estão localizados a Chácara Barão de Monjardim, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Capela de Santa Luzia, Igreja de São Gonçalo, Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário,

Convento e Igreja de Nossa Senhora da Penha. E ainda, A Roda de Capoeira, O Ofício dos Mestres de Capoeira, Jongo do Sudeste, O Ofício das paneleiras de Goiabeiras que são patrimônios imateriais.

No Currículo do Espírito Santo (2020, p. 45) Educação Patrimonial é um dos temas integradores<sup>4</sup>. Segundo tal orientação curricular, são diversas as manifestações que estão contidas dentro do patrimônio cultural espírito-santense e brasileiro conforme indicado abaixo:

Uma gíria, afinar o cavaco, bater o tambor, contar um caso ou história de pescador, aquela velha construção, a receita de bolo de cenoura ou de uma boa moqueca, a feira, a rua, a cadeira, o quadro na parede, celebrações e manifestações folclóricas, uma paisagem, a velha canção de amor, de rap ou de ninar, o museu queimado. Tudo isso faz parte do patrimônio cultural brasileiro e do Espírito Santo. [...] Os processos educativos oriundos dessa proposta devem buscar a construção coletiva do conhecimento, por meio do diálogo, de visibilidade, de combate ao preconceito, intolerâncias e da ocupação desses espaços, além de disseminar noções importantes e abrangentes de Patrimônio.

Percebe-se, então, a necessidade de explorar o patrimônio na jornada estudantil dos educandos, muitos deles descritos acima, também são manifestações artísticas que se misturam a produção cultural e histórica e são marcas deixadas por antepassados ou costumes/saberes passados de geração em geração, muitas vezes identificação de um povo e que podem criar identificação do educando com o conhecimento, outras vezes, tais manifestações estão presentes na vida dele de forma que ele poderá expressar seus saberes e fazer articulações.

Tal pensamento está previsto no Currículo do Espírito Santo (2020, p.46):

Portanto, o currículo escolar é importante para garantir articulação das experiências e os saberes das crianças, com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, num tempo e num espaço, mediados pelo professor.

Buscou-se aqui vislumbrar um pouco de como é possível aproveitar diversas manifestações artística e cultural, com viés Histórico a fim de entender como que os educadores podem pensar em aulas que envolvam cotidiano, construir conhecimento que inicie no indivíduo para expandir, como sugere a ideia do círculo

---

<sup>4</sup> Os temas integradores entrelaçam as diversas áreas de conhecimento que compõem o Currículo do Espírito Santo e trazem questões que atravessam as experiências dos sujeitos em seus contextos de vida, ações no público, no privado e no cotidiano tais manifestações estão presentes na vida dele de forma que ele poderá expressar seus sabe

concêntrico, buscando engajamento, pertencimento, trabalhando as dimensões do indivíduo como a BNCC sugere, de modo a destacar que a Arte possui sentidos relacionados a expressão, identificação e história. Da mesma forma, oferece uma oportunidade para que as aulas de História sejam mais práticas, que extrapolam as paredes das escolas e construam relação com a vida do educando, da comunidade, do estado e do País.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Há um consenso no meio escolar e acadêmico da urgência pelo rompimento com a prática de uma educação bancária, tradicional, ou em outras palavras, uma educação na qual o educador dê aula palestrada, escrevendo em quadro e os educandos copiando, como uma simples reprodução e memorização de conteúdos, sem intencionalidade e compreensão integral das temáticas. No entanto, às vezes para que se pense em aulas com práticas pedagógicas inovadoras, também é preciso mudar a estrutura de ensino. Uma dessas sugestões é um modelo com práticas interdisciplinares que, embora presente em numerosos documentos norteadores da educação há algum tempo, não é bem implementada, pois a prática interdisciplinar impõe desafios à gestão, aos educandos e aos educadores.

É um desafio que envolve todos levando em consideração que a interdisciplinaridade, de acordo com o estudo feito, requer envolvimento de todos. Com relação a Gestão, em concordância com a pesquisa, cabe trabalhar para prover recursos e formação continuada que aborde tal assunto, já que foram apontados desafios como a falta de recursos e a dificuldade no planejamento. Ao Educador é necessário a constante pesquisa, compromisso com a educação e, aqueles que assim pensam, abandonar a ideia de que teoria e prática são coisas distintas. Daí surge a importância desse estudo para os pesquisadores que em breve poderão estar em sala de aula como educadores.

Além disso, requer a superação de uma estrutura curricular rígida, devido a sua fragmentação, demandando tempo e planejamento cuidadoso, necessitando da colaboração dos diversos atores envolvidos com a educação, desenvolvendo estratégias conjuntas para suprir os objetivos propostos e criar experiências de aprendizagens significativas e integradas. Faz-se necessário compartilhamento de

materiais e muitas das vezes a adaptação de recursos e a criação de um ambiente de amparo, uma vez que mudanças geram resistências tanto nos alunos quanto nos professores, dessa forma abraçando os envolvidos com o objetivo de superar essa resistência.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wagner dos Reis Marques; SIQUEIRA, Antonio Marcos de Oliveira. **Repensando a educação brasileira: a inclusão social**. 2018. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/24633/1/artigo.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.< <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 11 de novembro de 2022.

Bittencourt, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DA SILVA LIMA, Aline Cristina; DE AZEVEDO, Crislane Barbosa. A interdisciplinaridade no Brasil e o ensino de história: um diálogo possível. **Revista Educação e Linguagens**, p. 128-150, 2020. <<https://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/revistaeducclings/article/view/6358/4379>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

DE BRITO LOPES, Bruna Fontoura et al. **Arte e história: uma proposta pedagógica integrada para os anos finais do ensino fundamental**. Cidade: Editora, 2020.

<<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34917/1/Fontoura%2c%20Bruna-%20ARTE%20E%20HISTORIA%20Uma%20proposta%20pedag%c3%b3gica%20integrada>

da%20para%20os%20anos%20 finais%20do%20ensino%20fundamental.pdf>.

Acesso em: 10 de outubro, 2022.

DE FÁTIMA XAVIER, Márcia; DE ARVELOS, Teófilo Teles Pereira. Quino e Paulo Freire, unidos pela intertextualidade: em busca de uma alternativa libertadora em tempos de educação bancária. **LínguaTec**, v. 6, n. 1, p. 34-52, 2021. <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/4957>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

DE LIMA, Geraldina Fernandes; DE SOUZA LOPES, Ana Lúcia. Afetividade e aprendizagem significativa na educação superior. **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 13, n. 1, p. 94-113, 2022. <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/15033>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Secretaria de Educação**. Currículo Básico Escolar Estadual. Vitória: SEDU, 2022. <<https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/documentos/>>. Acesso em 05 de novembro de 2022.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**: efetividade ou ideologia. 6<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Loyola. <<https://docplayer.com.br/30016-Integracao-e-interdisciplinaridade-no-ensino-brasileiro-efetividade-ou-ideologia.html>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia Do Oprimido**, 17<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

GIONGO, Isabela. **A relação entre professor-aluno e a importância da afetividade**. Cidade: Editora, 2022. <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/216533>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

HAUBERT, Laura Elizia. **Notas sobre uma filosofia da arte em John Dewey: A arte como modelo de experiências**. 2021. <<https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/151764>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org). **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p.372-388. Humanistas.

JAPIASSU, Hilton. **A questão da interdisciplinaridade**. Seminário internacional sobre reestruturação curricular. Secretaria Municipal de Educação, Porto Alegre, 1994.

<<http://educacaotiete.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/interdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro, 2022

KNAUSS, Paulo. **Aproximações disciplinares: história, arte e imagem**. Anos 90, v. 15, n. 28, p. 151-168, 2008. <<https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7964>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. Artcultura: **Revista de História, Cultura e Arte**, v. 8, n. 12, p. 7, 2006. <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7687178>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

KUHN, Martin; CALLAI, Helena Copetti; TOSO, Cláudia Eliane Ilgenfritz. Pressupostos epistemológicos dos círculos concêntricos. **Revista e-Curriculum**, v. 17, n. 2, p. 472-491, 2019. <<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/40733>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

LUCENA, Carolini Aparecida Noveli; LOPES, Luís Fernando. Interdisciplinaridade na educação: aspectos históricos e sua relevância no Ensino Fundamental I. **Caderno Intersaberes**, v. 10, n. 27, p. 184-199, 2021. <<https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1629>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

PEREIRA, José Alan da Silva. **A Contribuição de Freire para uma Educação de engajamento**.

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/viewFile/252824/40234#:~:text=A%20teoria%20da%20subjetividade%20que,autonomia%20que%20todo%20engajamento%20necessita>>. Acesso em: 10 de outubro, 2022.

RIBEIRO, Josivânia Sousa Costa; DE PINHO, Maria José. Interdisciplinaridade na escola contemporânea: desafios e possibilidades. **REVELLI-Revista de Educação**,

Linguagem e Literatura (ISSN 1984-6576), v. 10, n. 1, p. 261-274, 2018. <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/6549>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

SEFFNER, Fernando. **Aprendizagens significativas em História**: critérios de construção para atividades em sala de aula. Jogos e ensino de história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. P. 35-46, 2018. <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179300/001069219.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

VEGA, Antonio Paulo Valim et al. Interdisciplinaridade na produção de conteúdos educacionais: a relação teoria e prática. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 1, p. e128911791-e128911791, 2020. <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1791>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.